

Representações do trabalho escravo a partir da mídia: olhares de trabalhadores rurais do Maranhão¹

Flávia de Almeida MOURA²
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Resumo

O estudo objetiva analisar como um grupo de trabalhadores rurais maranhenses se apropria da mídia para construir suas representações (HALL, 2003; 2010) sobre o trabalho escravo. Utilizamos como principal estratégia metodológica a assistência de um conjunto de reportagens jornalísticas televisivas junto aos sujeitos investigados para deflagrar o diálogo sobre as representações do trabalho escravo contemporâneo a partir da mídia. Interessamo-nos pelos processos de identificação (HALL, 2013) e apropriação (THOMPSON, 2013) dos trabalhadores entrevistados junto ao texto midiático exibido durante trabalho de campo, realizado no município de Açailândia, Maranhão; um dos principais em incidência de escravidão contemporânea no Brasil.

Palavras-chave: Mídia; representações; trabalho escravo.

1. Introdução

O presente artigo apresenta parte dos resultados de pesquisa realizada para a obtenção do doutoramento em Comunicação pela PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), ocorrido em julho de 2015. Apresentamos aqui um recorte do arcabouço teórico e metodológico construído na tese e uma parte das considerações alcançadas no esforço do estudo.

Partimos do pressuposto de que a mídia participa da constituição das representações (HALL, 2013) sobre trabalho escravo contemporâneo junto aos trabalhadores entrevistados. Neste contexto, o estudo se propõe analisar em que medidas esses sujeitos se apropriam do texto jornalístico televisivo para constituir suas representações sobre o trabalho escravo.

Acreditamos que as narrativas midiáticas podem construir ou legitimar representações já construídas pelo próprio grupo a partir de outras instâncias sociais; ou seja, outros mediadores, como a família, os movimentos sociais, os órgãos de fiscalização ou mesmo as redes de vizinhança desses trabalhadores.

Entendemos a mídia como espaço de repercussão e criação de acontecimentos que “incide na configuração e dinâmica da realidade de nossa vida cotidiana, e na forma de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² É professora do Departamento de Comunicação Social da UFMA (Universidade Federal do Maranhão). Mestre em Ciências Sociais e doutora em Comunicação/PPGCOM/PUCRS. Email: flaviaalmeidamura29@gmail.com

convivência e atravessamento entre as múltiplas realidades que compõem o mundo da vida” (FRANÇA, 2012, p. 11). Neste sentido, a mídia é uma das instituições da sociedade que congrega os múltiplos dispositivos através dos quais essa sociedade produz e faz circular suas informações e representações. Talvez por isso seja a instituição que melhor caracteriza o cenário contemporâneo.

Partindo dessa orientação, organizamos nossa estratégia de pesquisa, realizada junto a um grupo de oito trabalhadores rurais maranhenses egressos do trabalho escravo³. Primeiramente, nos aproximamos dos entrevistados, buscando conhecer suas realidades; conversamos com eles, num primeiro momento, sobre suas trajetórias de vida e de trabalho, para tentar apreender suas representações e, após, lançamos mão da estratégia de recepção dos materiais midiáticos⁴ na busca da compreensão de suas representações sobre o trabalho escravo a partir da mídia. Feito isso, resgatamos aspectos de suas sociabilidades, a partir do contato desses sujeitos com os mediadores, identificados pelos agentes do movimento social, responsáveis pela denúncia e acompanhamento dos casos; bem como os agentes do poder público, responsáveis pela fiscalização do trabalho escravo. Além desses mediadores mais diretos, outras esferas de mediação também foram identificadas, durante o estudo, a partir dos discursos jurídico, governamental e não governamental sobre trabalho escravo, que também participam da constituição das representações desses sujeitos e estão presentes na mídia.

2. Percurso metodológico

Quando questionados sobre “o que é trabalho para você?”, os oito trabalhadores entrevistados ficaram reticentes no início, mas logo formularam algumas ideias acerca do assunto. A dificuldade de uma resposta rápida, dada prontamente, pode estar relacionada à própria falta de hábito de refletirem sobre o trabalho. Um dos motivos pode ser o fato de, muitas vezes, a atividade ser naturalizada por eles, uma vez que, em geral, não se preparam por intermédio de ensino formal para o trabalho, mas aprendem fazendo, desde criança, no saber-fazer, acompanhando os pais e familiares.

³ A pesquisa de campo foi realizada em dezembro de 2014, no município de Açailândia, Maranhão. Foram realizadas entrevistas individuais nas residências de três trabalhadores e também um grupo de discussão (entrevista coletiva) com cinco trabalhadores nas dependências do Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos de Açailândia (MA).

⁴ O *corpus* documental exibido durante o trabalho de campo é composto por sete reportagens televisivas veiculadas entre 2009 e 2013 em quatro canais abertos da televisão brasileira: Rede Globo, SBT, Bandeirantes e Record que tratam do tema trabalho escravo contemporâneo.

As representações que aparecem nas falas dos entrevistados sobre trabalho traduzem a trajetória de vida dessas pessoas, de origem rural e que, portanto, tem no trabalho no campo a referência sobre o trabalho, em geral. É como se o trabalho “verdadeiro”, “real”, fosse o praticado no campo. Em contraponto com o da cidade, que na visão da maioria deles, é “menos duro”, e “mais valorizado”, e que eles buscam realizar, caso não possuam terra ou condições para plantar, já que o trabalho na cidade, para eles, tem a possibilidade de ser mais digno. Esse desejo está presente nos relatos dos trabalhadores mais jovens, que vislumbram, muitas vezes, o trabalho na cidade relacionando-o com uma melhor qualidade de vida.

Trabalho desde cedo no que dá, na roça e na cidade. Mas depois que cai no trabalho escravo não quero mais saber de trabalho na roça não; na roça, assim, não digo na roça que é da gente; mas no campo, nas fazenda. Agora sou eletricitista e trabalho na cidade. Aprendi um ofício e assim vou ficar trabalhando (Trecho de entrevista do trabalhador Paulo⁵, concedida durante trabalho de campo em Açailândia (MA), dezembro de 2015).

Assim, quando falamos em trabalho, o que está no imaginário da maioria dos entrevistados é o trabalho na lavoura. Trata-se do “trabalho de roça”, como eles dizem, realizado desde os seus ancestrais, com o cuidado e a dedicação que eles demandam e, geralmente, em terra própria. Quando eles dizem “trabalho de roça” não se referem à prestação de serviços para terceiros, como é o caso das atividades econômicas onde se encontram os principais casos de regimes de trabalho escravo contemporâneo, no Maranhão, como fazendas de gado e carvoarias⁶.

Eu fui resgatado do trabalho escravo, mas eu sou escravo do trabalho desde 10 anos de idade. Comecei a trabalhar na roça com dez anos (...) Mas agradeço a Deus e a meus pais por ter me colocado no trabalho logo cedo, sempre na roça, meu pai me ensinou a trabalhar (...) Hoje eu sou “técnico” da minha própria roça; pra tratar do feijão, do milho, do arroz, do amendoim. (Trecho de entrevista do trabalhador Tiago, concedida durante trabalho de campo em Açailândia (MA), dezembro de 2015).

Assim como ocorreu com a noção de trabalho, quando questionamos os entrevistados sobre a noção de escravidão, uma vez que o assunto apareceu nas falas, após a assistência do material midiático, a referência ainda era do contexto histórico colonial;

⁵ Utilizamos nomes fictícios para preservação da identidade dos entrevistados.

⁶ Nestes locais, os trabalhadores realizam atividades de *roço da juquirá*, isto é, limpeza do pasto para plantação de gado, ou ainda desmatamento, retiradas de toco, colocação de cercas, ou as atividades relacionadas ao carvoejamento, ou seja, a cadeia produtiva do carvão vegetal, feito com madeira retirada de matas nativas ou plantação de eucalipto.

prova de que eles não se autorrepresentam como escravos. Mas quando questionados sobre suas trajetórias de vida e trabalho, as condições indignas de trabalho apareceram nessa nova configuração, da chamada escravidão “moderna”, “atual”⁷, ou contemporânea.

Compreendemos que esses sujeitos passam pelo trabalho escravo e, por isso, identificam-se com ele, mas apresentam identidades próprias antes e depois de vivenciarem esta situação que, no caso estudado, é de trabalhador rural. Eles não se autoidentificam como trabalhadores escravos ou escravizados, mas sim trabalhadores rurais que foram, em determinada ocasião da vida, submetidos à superexploração da mão de obra devido à vulnerabilidade em que vivem.

Para Hall (2010), a contribuição de Michel Foucault para o estudo das representações advém da força de seu conceito de discurso, entendido como um sistema de representação num determinado momento histórico. Esse “tempo do discurso” foi identificado durante as conversas com os trabalhadores no decorrer da pesquisa, principalmente quando eles fizeram a distinção entre o trabalho escravo colonial e o moderno. Concebemos neste estudo as representações intimamente ligadas a seus contextos históricos e sociais por um movimento de reflexividade, uma vez que são produzidas no bojo de processos sociais, espelhando diferenças e movimentos da sociedade. Desta forma, as representações não apenas variam dentro das diferentes épocas e culturas, mas também espelham vivências específicas dentro de determinadas sociedades. (FRANÇA, 2004). No caso estudado, as noções de escravidão colonial também se apresentam de forma predominante nas narrativas midiáticas escolhidas para a assistência dos entrevistados, uma vez que os discursos se referem a essa noção do tempo presente e do tempo passado, deixando claro que, em pleno século 21, ainda existe trabalho escravo, entendido como algo do passado, portanto, referente ao período colonial.

Na busca de compreendermos as representações do grupo social estudado, tentamos não tomar partido das representações dos trabalhadores como algo que temos condições de apreender em sua totalidade de sentidos e contradições. Também nos esforçamos para não produzir “crenças” (BOURDIEU, 2000) do que seria a representação “real” dos trabalhadores. Entendemos, em última instância, que não há como separar essas representações, uma vez que os sentidos, em ambos os contextos (grupo social e mídia), entrelaçam-se, reforçam-se e estão em contínuo movimento e, por conseguinte, são contraditórios e dinâmicos.

⁷ Durante as entrevistas, os trabalhadores denominaram, em geral, as condições de escravidão contemporânea como “atual” ou “moderna”.

Para Hall (2010), representação significa usar a linguagem para dizer algo com sentido sobre o mundo ou para representá-lo de maneira significativa para as outras pessoas. Dessa forma, a representação é entendida como uma parte essencial do processo mediante o qual se produz e troca sentidos entre os membros de uma mesma cultura. Representar, portanto, implica o uso da linguagem, dos signos e das imagens que estão no lugar das coisas, que as representam. Mas entendemos que não se trata de um processo direto e simples.

Utilizamos neste estudo a linguagem como um meio de chegarmos até os sentidos que buscamos das representações do grupo social investigado sobre trabalho escravo a partir da mídia. Dessa forma, trabalhamos basicamente com dois textos: o midiático, contido nas narrativas jornalísticas televisivas escolhidas para compor nosso *corpus* documental; e o texto dos sujeitos, recolhido em entrevistas individuais e no grupo de discussão, e organizado em extratos de falas, trabalhados na análise do material empírico.

Também entendemos que a constituição de representações acerca das coisas no mundo não se restringe à racionalidade, ou ao entendimento racional sobre ela; mas está além dele; envolve questões relacionadas aos sentidos, que são construídos socialmente e, portanto, têm relações significativas também com elementos culturais de cada sociedade ou grupo social. Neste caso, ao estudarmos as representações construídas a partir da mídia levamos em consideração os sentidos criados e partilhados pela sociedade, que estão presentes na mídia. Esses sentidos apareceram neste estudo de formas sutis, na “figuratividade da imagem” (SOARES, 2007, p. 51) ou mesmo na dramaticidade e consequente identificação com ela, por parte dos receptores.

Percebemos, durante trabalho de campo, que as “narrativas dramatizadas” do telejornalismo possibilitaram maior aproximação junto ao grupo investigado, pela própria natureza relacionada com a identificação dos sujeitos com os “personagens” das reportagens. Este fato ficou claro no ato da assistência, quando alguns trabalhadores se manifestaram apontando alguém conhecido (geralmente um agente do movimento social, um auditor fiscal do trabalho ou mesmo um trabalhador), ou ainda alguma situação familiar, como o caso de falta de infraestrutura nos locais de trabalho. Como já exposto neste Capítulo, tivemos até a possibilidade de entrevistar um trabalhador que havia sido entrevistado em uma das reportagens exibidas durante o trabalho de campo, fato que possibilitou uma identificação direta do sujeito com a tela. Dessa forma, as mediações

(MARTÍN-BARBERO, 2001) presentes neste estudo perpassam os significados sociais das representações para o grupo de trabalhadores investigados.

Em contrapartida, o campo empírico também nos possibilitou algumas observações de estranhamentos por parte de alguns entrevistados sobre o que estavam assistindo nas reportagens. Isso ficou claro, por exemplo, em reportagem exibida pelo Programa A Liga, da TV Bandeirantes, ao acompanhar o passo a passo da produção do carvão vegetal. A atenção dos trabalhadores que assistiam ao material era total. Logo ouviram-se alguns risos e comentários de que não seria daquela forma; de que não era daquele modo que alguns haviam vivenciado ao trabalharem em carvoarias, no Maranhão. Quando fomos conversar sobre o que tínhamos acabado de assistir, eles pontuaram alguns procedimentos que não se relacionavam a suas experiências, mas logo outro trabalhador defendeu sua identificação com o material midiático, embora apresentando algumas especificidades explicadas por ele, decorrentes tanto das regiões do país quanto das condições da repórter de recolher as informações e contar uma história, que segundo ele, nunca vai representar “o que eles vivem na realidade”.

Esse esforço na busca dos processos de identificação e apropriação dos sujeitos no texto jornalístico televisivo exibido para o grupo estudado faz todo o sentido quando tratamos as representações com seus sentidos imbricados; quando pensamos na intersecção entre as representações mentais, mediáticas e os determinantes sociais das representações (SOARES, 2007).

Entendemos, assim, que as representações são dinâmicas e sofrem permanentes transformações tanto em suas dimensões simbólicas quanto em suas formas concretas. Quando tratamos de representações, tanto com orientações de Hall (2013) quanto de França (2004), não operamos com processos simples e objetivos, mas sim com um fenômeno complexo que, em geral, deve ser encarado em sua dupla natureza: sentidos e inscrição material, ou seja, linguagem. Portanto, nosso entendimento sobre a noção de representações perpassa a produção de sentidos dos sujeitos investigados sobre o trabalho escravo a partir da mídia.

Neste ponto, os processos de identificação e de apropriação dos sujeitos junto a esses textos midiáticos nos ajudam a aproximá-los ou afastá-los das cenas (quando há estranhamentos) e nos proporcionam elementos de análise, principalmente quando eles acrescentam algo de que “sentem falta”; ou seja, o que não aparece nas reportagens, mas faz parte da “realidade” deles.

Ao estruturarmos a análise em tópicos de identificação e apropriação, organizamos os relatos a partir do que aproxima, do que afasta e do que os entrevistados acrescentam e/ou ressignificam a partir das representações midiáticas sobre o trabalho escravo. O resultado desse movimento de sentidos se traduz nas representações do trabalho escravo para esses sujeitos a partir da mídia.

3. Alguns resultados da pesquisa

Em geral, percebemos a participação da mídia na constituição das representações dos trabalhadores, muitas vezes intermediada por outras instituições sociais, pelas quais a mídia se debruça para construir, no caso estudado, suas narrativas jornalísticas sobre a temática. São principalmente os órgãos governamentais e não governamentais responsáveis pelo trabalho de prevenção e repressão ao trabalho escravo contemporâneo. Esses órgãos têm contato direto com os sujeitos investigados, seja no ato da denúncia, seja no ato das fiscalizações; ou ainda em atividades de prevenção, promovidas pelo movimento social em prol dos direitos humanos. E esses mesmos órgãos são também as principais fontes de informação da mídia na construção dos textos jornalísticos que tratam do assunto. Portanto, encontramos nas representações midiáticas um conjunto de representações de outras instituições sociais que ajudam a constituir as representações dos trabalhadores, uma vez que estão próximas deles.

Ao analisarmos os processos de identificação dos sujeitos com a mídia, encontramos alguns aspectos recorrentes nas falas, como as condições precárias de alojamento, má alimentação e péssimas condições de higiene, além da vigilância armada e violência física que eles sofrem dentro dos locais de trabalho.

França (2004) questiona qual o objeto devemos olhar quando falamos de representação midiática. Que produtos midiáticos nos são disponibilizados? Que mundo, bem ou mal, nos é mostrado? “Ou antes as imagens remetem a nós, sujeitos que experimentamos e formatamos imagens mentais, e que somos, em última instância, os produtores/portadores dessas imagens e representações?” (FRANÇA, 2004, p. 19).

Embora haja identificação com vários aspectos tratados nas reportagens assistidas, os trabalhadores entrevistados também apontaram certo estranhamento em aspectos intangíveis e simbólicos que, segundo eles, ficam mais difíceis de serem acessados e, conseqüentemente, representados pela mídia, devido à falta de convívio dos produtores da

notícia com as suas rotinas de trabalho e que também, segundo eles, “não estão à vista”; pouco óbvios para quem chega e passa pouco tempo com eles.

Neste contexto, a subjugação e a humilhação são os principais fatores que foram apontados pelos trabalhadores como pouco tratados nas reportagens. Observamos que essa sensação de insegurança por parte deles está ligada a aspectos objetivos e subjetivos como é o caso da violência física aplicada tanto por empregadores quanto por seus encarregados (empreiteiros, gatos, gerentes de fazenda, fiscais) e mesmo da violência psicológica ou simbólica, que se materializa em assédio moral e demais formas de humilhação, como por exemplo, o ato de subjugar esses sujeitos na hora do pagamento, se aproveitando da baixa escolaridade e da consequente dificuldade de fazer contas e, portanto, contabilizar suas produções, por exemplo.⁸

Outro ponto que notamos incomodar a alguns durante a assistência foi em relação à voz que as reportagens dão aos empregadores, dando a entender, segundo os entrevistados, que a problemática do trabalho escravo estaria sendo resolvida com a fiscalização, bem como o resgate dos trabalhadores. Como se essas ações representassem o ponto final do problema.

Segundo os entrevistados, a vida deles antes e depois de terem sido submetidos às condições de trabalho escravo praticamente não é retratada pelo texto televisivo; o que denota que eles se tornam escravos momentaneamente, somente no ato de fiscalização; e logo deixam esse *status*, no momento em que o patrão faz o acerto das contas. O fato é que os entrevistados nos apresentaram relatos que traduzem causas e consequências do trabalho escravo que, segundo eles, são pouco tratados nas reportagens televisivas. A sensação que eles têm é de que a mídia visibiliza apenas a condição de trabalho escravo, mas não trata o assunto de forma estrutural, como eles apontam.

Neste sentido, ao relatarem suas vivências de exploração do trabalho, percebemos nas falas dos entrevistados que o trabalho escravo aparece sempre de fora para dentro, isto é, alguém falou para eles que aquela situação de exploração se caracterizava “condição análoga à de escravo”. Esse “alguém” é, em geral, ou o próprio auditor fiscal do trabalho ou os agentes do movimento social que denunciam essas condições.

Antes do contato com a Federal, eu não me entendia como escravo. Mas quando eles chegaram na fazenda, ficamos

⁸ Vale destacar que, em geral, os contratos são verbais e os empregadores, quando pagam alguma quantia aos trabalhadores, descontam os itens consumidos e anotados em cadernetas; sempre deixando esses sujeitos em prejuízo com relação ao recebimento da quantia acertada anteriormente alegando “dívida”.

com medo (...) depois de tudo mais calmo, eles explicaram pra gente que não távamos fazendo nada de errado e que a gente ia ganhar nossos direito. Que a gente estava sendo explorado como escravos. A partir dali, entendi esse negócio de escravo moderno que eles diz... (Trecho de entrevista do trabalhador Eduardo, concedida durante trabalho de campo em Açailândia (MA), dezembro de 2015).

Notamos que a maioria dos trabalhadores entrevistados se apropria do discurso de “escravos” ou “escravizados” quando passa a ter contato com esses mediadores (seja do movimento social, no ato da denúncia; seja dos auditores fiscais do trabalho, no momento da fiscalização; seja da mídia, em assistência de reportagens) e entendem que essa identificação permite a eles alguns acessos, como às verbas rescisórias, bem como aos danos morais individuais e coletivos, que são desdobramentos das fiscalizações, além de acessos a programas sociais do governo federal, como é o caso do Bolsa Família, por exemplo.⁹

Neste contexto, percebemos que há uma construção sobre o que se caracteriza trabalho escravo contemporâneo que, em geral, não se inicia pelos próprios trabalhadores vitimados, e sim pelos mediadores. Mas, no decorrer do contato deles com esses agentes (seja governamental, seja não-governamental), os trabalhadores também se apropriam deste discurso e passam a constituí-lo, ou seja, a contribuir para a sua construção.

Dessa forma, entendemos que a mídia tem um papel importante na constituição das representações sobre o trabalho escravo para os sujeitos e, principalmente, na legitimação dos discursos vigentes (principalmente o jurídico, o do movimento social e o do Ministério do Trabalho e Emprego) seja em suas próprias contribuições e interpretações do que caracteriza como “condições de trabalho escravo”, e que passam a constituir também, as próprias representações desses sujeitos sobre a temática.

Ao analisarmos os processos de apropriação dos sujeitos com relação à mídia, notamos que eles, em contato com os materiais midiáticos, utilizam-no para constituir suas representações sobre o trabalho escravo, muitas vezes acrescentando algo ou interpretando e resignificando os sentidos das mensagens. Interessante observar que os entrevistados apresentaram noções sobre edição jornalística e mesmo a percepção de orientações políticas e editoriais das emissoras. Atribuímos este fato ao contato deles com os agentes do

⁹ Dentre as políticas nacionais de combate ao trabalho escravo, está previsto o acesso aos programas sociais, como é o caso do Programa Bolsa Família, a todos os trabalhadores que forem resgatados em regime de trabalho escravo pelo MTE (Ministério do Trabalho e Emprego).

movimento social, que fazem um trabalho de sensibilização e prevenção das questões referentes ao trabalho escravo, discutindo junto a grupos de base (como é o caso de trabalhadores rurais) o contexto em que essa exploração se dá, no âmbito da economia e da política, onde estão envolvidos grandes empresários e políticos ou apadrinhados políticos locais; muitos deles ocupam cargos na administração municipal de Açailândia, em outros municípios adjacentes e até mesmo no governo estadual do Maranhão. Também é interessante perceber que esses sujeitos não devem ser tratados como “vítimas”, no sentido de não entenderem as situações de exploração. Pelo contrário, a maioria demonstrou entender os mecanismos de subjugação, alegando fazer parte deste contexto por uma questão de necessidade, que eles chamam de *precisão*; e não por falta de informação ou de terem sido enganados pelos aliciadores.

Percebemos “elaborações discursivas” (THOMPSON, 2013) por parte dos entrevistados nos comentários sobre as reportagens assistidas, indicando o que faltava e o que tinha de excesso e também quando perguntamos a eles se fossem produtores das notícias, como contariam essas histórias. Neste sentido, os relatos vão além do que é mostrado na televisão.

O exercício de mudar o lugar de fala desses sujeitos colocou o grupo entrevistado numa posição de produtores das notícias e, conseqüentemente, trouxe aspectos interessantes de serem analisados. Questões relacionadas à edição jornalística apareceram no contexto de hierarquização das falas/vozes dos entrevistados nas reportagens televisivas. Alguns trabalhadores apontaram que como a fala final, em geral, é do empregador ou de um agente do governo para dar explicações sobre a exploração do trabalho, fica uma sensação de que eles são capazes de resolver o problema, o que para os sujeitos soa como algo passível de ser “manipulado” pela mídia.

A partir dos resultados da análise dos processos de identificação e apropriação do texto midiático, podemos afirmar, portanto, que a mídia participa da constituição das representações acerca do trabalho escravo para o grupo de trabalhadores rurais maranhenses entrevistados neste estudo. E que esta participação ocorre principalmente com relação a fatores objetivos, construídos histórica e socialmente principalmente pelos mediadores, tanto do movimento social quanto dos organismos governamentais.

A pressão social, bem como as políticas públicas nacionais, pressionadas pelos organismos internacionais que militam na causa dos direitos humanos, são os principais

fatores responsáveis pela constituição das representações que esses mediadores operam atualmente sobre o trabalho escravo, e que são reproduzidas e legitimadas pela mídia.

Dentre os fatores, incluímos a precariedade dos locais de trabalho, as condições subhumanas de trabalho, o cerceamento da liberdade e a constituição da “dívida”.

Mas para além dos fatores objetivos, encontramos nos relatos dos trabalhadores fatores subjetivos, que não aparecem na mídia ou se apresentam com pouca visibilidade. Dentre eles, destacamos o medo, a humilhação, a falta de segurança dentro e fora dos locais de trabalho, a violência psicológica e simbólica a que eles são submetidos, mecanismos de um micro poder que não ganham destaque nas narrativas midiáticas ou por serem intangíveis e dificilmente relatados pelas vítimas e por agentes do movimento social, com receio de ameaças e retaliações, ou porque fazem parte do processo de dominação em que a mídia está inserida e, portanto, não se prestaria a denunciar a si própria¹⁰.

Neste sentido, podemos afirmar que os trabalhadores se apropriam das representações apresentadas pela mídia e, a partir delas, constroem suas próprias. Interessante percebermos que, embora a mídia participe da constituição das representações do trabalho escravo, isso nem sempre estava claro para eles. Ao fazerem o exercício proposto durante o trabalho de campo, muitos deles tomaram conhecimento de quanto de suas representações sobre a escravidão perpassam a mídia. Notamos esse fato em relatos conclusivos em que eles comentavam: “é assim mesmo que acontece” ou “é assim que eu entendo”.

Para Thompson (2013), ao responder às ações e expressões dos produtores, os receptores geralmente o fazem como uma contribuição às outras formas de interação das quais eles participam. Segundo o autor, é pela linguagem que essa interação se dá. No caso do presente estudo, tivemos acesso a essas formas de interação a partir do contato direto com trabalhadores que foram submetidos a condições de trabalho escravo, confrontando-os com os materiais midiáticos escolhidos.

Dessa forma, acreditamos que os processos de identificação e apropriação que suscitamos junto ao grupo de trabalhadores ao conversar sobre a temática e depois ao exibir representações midiáticas sobre ela contribuiu, em última instância, para eles repensarem suas posições e até mesmo suas identidades. As reflexões sobre autoidentificação como escravos e sobre as múltiplas representações que permeiam o trabalho escravo contemporâneo (seja midiática, seja do discurso jurídico, seja do discurso dos movimentos

¹⁰ Aqui mais propriamente nos referimos aos oligopólios, em que se estruturam relações políticas partidárias com políticas editoriais praticadas entre os meios de comunicação, ligados a políticos locais, comumente praticadas no Maranhão.

sociais) contribuíram para entendermos melhor como se constituem essas representações para os trabalhadores.

4. Considerações finais

Uma vez que compreendemos a televisão como parte de um processo histórico, social, econômico e tecnológico próprio da cidade (mundo urbano), encontramos algumas especificidades na relação entre esses sujeitos (que são oriundos da zona rural e trazem marcas significativas deste universo, mas residem e transitam na zona urbana) com a mídia, que opera prioritariamente pelas lógicas da cidade e, sobretudo, fala com os sujeitos da cidade, nesta temporalidade e neste fluxo, próprios da televisão.

Para Martín-Barbero & Rey (2001), o fluxo televisivo constitui a metáfora mais “real” do fim dos grandes relatos pela equivalência de todos os discursos, como informação, drama, publicidade, entre outros.

(...) a mediação estratégica introduzida pelo fluxo televisivo remete, acima da experiência estética, aos novos “modos de estar juntos” na cidade; às sociabilidades cotidianas que o caos urbano suscita, uma vez que, ao mesmo tempo em que desagrega a experiência coletiva, impossibilitando o encontro e dissolvendo o indivíduo no mais opaco dos anonimatos, introduz uma nova continuidade (...) dos circuitos. (MARTÍN-BARBERO & REY, 2001, p. 36).

Embora não haja consenso entre os sujeitos entrevistados sobre as escolhas de viver a vida rural ou a vida urbana¹¹ (e isso se revela no trabalho na roça passado de pais para filhos, por um lado; paralelamente ao consumo de elementos que constituem as lógicas da cidade, como por exemplo, aparelhos de som e de televisão, motocicletas, roupas e sapatos de marcas, celulares e demais produtos da chamada indústria cultural), partimos do pressuposto de que a televisão ocupa um lugar na vida desses sujeitos e, neste sentido, participa de suas representações. E durante o contato com eles, durante o trabalho de campo, e posteriormente, na análise do material empírico, tivemos a confirmação desta hipótese.

A origem rural dos entrevistados demarca uma noção sobre trabalho arraigada à lavoura. Segundo eles, a primeira noção de trabalho é a do “trabalho de roça”, em plantações de subsistência. Neste sentido, eles qualificam como “trabalho bom” aquele em

¹¹ Esta afirmativa diz respeito às aspirações do grupo. Eles, e principalmente os mais jovens, divergem entre querer continuar o trabalho dos avós e dos pais, na roça, isto é, viverem do trabalho rural, e o de assumir o trabalho na cidade, bem como os modos de vida urbano, traduzidos principalmente pelo consumo das “coisas” da cidade.

que são donos do seu próprio negócio e, por isso, não precisam se submeter a mandos de patrões. Em contrapartida, o “trabalho ruim” é aquele em que são empregados em situações precárias e, portanto, estão vulneráveis ao desrespeito e à humilhação.

Neste contexto é que a noção de trabalho escravo se apresenta para o grupo entrevistado; no qual os indivíduos são subjugados e submetidos à violência (física e psicológica) e à desonra. Quando se posicionaram sobre o que significa o trabalho escravo para eles, em geral, apareceu a violação da dignidade humana como um fator preponderante.

Quando introduzimos os materiais midiáticos, a fim de compreendermos a sua participação nas representações sobre o trabalho escravo junto a esses sujeitos, apareceram fatores interessantes de serem observados e analisados. Primeiramente, a identificação junto às reportagens se dá sempre de forma relacional. Ao mesmo tempo em que algumas características do texto jornalístico televisivo chamam a atenção dos sujeitos e demonstram a “realidade” da “vida vivida”; eles apontam ausências e excessos desta representação midiática acerca da temática.

Em geral, há identificação dos sujeitos investigados referente a aspectos de infraestrutura precária como, por exemplo, a falta de dormitório adequado nos locais de trabalho como questões de higiene e alimentação, levantadas em algumas reportagens. Quando os entrevistados se posicionaram sobre este aspecto, concordaram com as precariedades apontadas e, em alguns casos, acrescentaram outros fatores que não haviam sido levantados, como foi o caso de um comentário de um entrevistado que contou que só comeu carne em uma fazenda quando o gado morreu no pasto, doente. Questões relacionadas à ausência de sanitários e de água potável também foram recorrentes nas falas.

Mas para além da precariedade na infraestrutura dos locais de trabalho, os trabalhadores entrevistados levantaram outras questões, das quais eles sentiram falta ao assistirem às reportagens e que, para eles, determinam as condições de trabalho escravo na atualidade. E estes aspectos fazem parte de nossas descobertas de pesquisa. São eles: (1) a questão da violência (física e psicológica) dentro e fora dos locais de trabalho; (2) o medo e a humilhação e (3) as causas e consequências do trabalho escravo.

Identificamos essas questões como norteadoras das representações dos sujeitos sobre o trabalho escravo, uma vez que extrapola o âmbito midiático; isto é, vai além da mídia, embora tenham sido discursos que partiram da assistência das reportagens escolhidas. Sabemos que essas questões se relacionam e têm como base a violação da dignidade

humana. Dessa forma, mais do que falta de infraestrutura, precárias condições de higiene e alimentação ou jornadas exaustivas de trabalho sem o pagamento devido, o trabalho escravo para esses sujeitos está relacionado à violação de sua dignidade humana, antes de qualquer outra situação.

Recuperando Hall (2013), o processo de identificação se dá em aspectos que ficam de fora; na diferença, no estranhamento do outro. A partir das reportagens exibidas, os entrevistados apontaram aspectos intangíveis que compõem as suas próprias representações sobre o trabalho escravo e que eles não encontram nas representações midiáticas, como as questões de honra e dignidade. Entendemos que esta ausência, ou esse apagamento desses fatores apontados pelos sujeitos na mídia, suscitou uma produção de sentidos para os entrevistados durante nossa interlocução com eles que nos ajudou a compreender melhor o processo de constituição de suas representações sobre o trabalho escravo.

5. Referências Bibliográficas

BAUER, Martin W; GASKELL, George (org). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. 11^a edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 3^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva. **Dramaturgia do Telejornalismo**: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de Televisão de Juiz de Fora (MG). Rio de Janeiro, Mauad X, 2012.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Notas para um estado da arte sobre os estudos brasileiros de recepção nos anos 90**. In MACHADO, J; LEMOS, A; SÁ, S (orgs) *Mídia.BR*, Porto Alegre: Sulinas, 2004.

_____. **Representações, mediações e práticas comunicativas** In PEREIRA, GOMES, FIGUEIREDO, Comunicação, representação e práticas sociais. RJ, PUC-Rio, Aparecida, Ideias e Letras, 2004, p 13-26.

GOMES, Itania Maria Mota. **Efeito e Recepção: A interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media**. Rio de Janeiro, E-papers Serviços Editoriais. 2004.

_____. **Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero**. In Revista FAMECOS, v. 18, nº 1, Porto Alegre, jan/abril 2011, p. 111-130.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura:** notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Educação e Realidade. Porto Alegre: UFRGS, 1997b.

_____. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. **El trabajo de la representación.** In Sin garantías: Trayectorias y problemáticas en estudios culturales. Perú/Colômbia/Ecuador, 2010.

_____. **Quem precisa de identidade?** In SILVA, Tomaz Tadeu. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha (org). **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade.** São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Para uma revisão das identidades coletivas em tempo de globalização.** In: (Org.). Telenovela. Internacionalização e Interculturalidade. São Paulo: Loyola, 2004.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério.** São Paulo, Editora SENAC, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva.** São Paulo: Editora SENAC, 2001.

SOARES, Murilo César. **Representações e comunicação: uma relação em crise.** Líbero, Ano X, nº 20, Dezembro 2007.

SOARES Gislene; SILVA, Rosa de Lima. **O método *Análise de Cobertura Jornalística e o acontecimento noticioso da doença do presidente Lula.*** Revista Rumores, Nº 14 , V7, São Paulo, julho-dezembro 2013.

SOUSA, Mauro Wilton de. **Recepção e comunicação: a busca do sujeito.** In SOUSA, M. W. (org) Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis, 14ª ed., RJ: Vozes, 2013.

_____. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In SILVA, Tomaz Tadeu. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.